

A PENETRAÇÃO CULTURAL

Cel Inf (QEME) JOSÉ CARNEIRO DE OLIVEIRA

Cel Art (QEME) GABRIEL AGUIAR

Prof. JOSÉ CAMARINHA NASCIMENTO

Prof. RUY VIEIRA DA CUNHA

SUMÁRIO

- 1 — INTRODUÇÃO
- 2 — CULTURA
- 3 — ENCONTROS CULTURAIS
- 4 — OCIDENTALIZAÇÃO CULTURAL
- 5 — OCIDENTE — ORIENTE
- 6 — PERSPECTIVA BRASILEIRA
 - 6.1 — Intercâmbio Científico
 - 6.2 — Intercâmbio Econômico
 - 6.3 — Intercâmbio Intelectual e Artístico
- 7 — CONCLUSÕES

1 — Introdução

O exame do tema proposto exige, preliminarmente, a fixação de alguns conceitos essenciais, a fim de que se formule uma possibilidade vocabular de comunicação. A força de uso popular indiscriminado, muitos termos de alta precisão técnica se deterioraram ou adquiriram múltiplas conotações, que, embora admissíveis como legítimas, tornam seu emprêgo difícil, pelo risco imediato de ambigüidades.

Considera-se a penetração cultural um instrumento de estratégia psicossocial no âmbito externo. Se estratégia é uma arte, a penetração cultural será uma arma. Arma de paz ou de guerra? Pode ser uma coisa ou outra, ou as duas ao mesmo tempo. As duas concepções, aliás, com os acontecimentos do mundo moderno, perderam rígidas linhas demarcatórias e estilçaram velhas definições. Como dizia Kennedy, já não se sabe ao certo se estamos em paz ou em guerra...

Na verdade, em paralelo com a variação de recursos disponíveis, os métodos e as formas da nova guerra se perfilaram. É a partir do acúmulo de conhecimentos psicossociais que se forjou essa arma silenciosa — a penetração cultural, visando à extrapolação anímica da personalidade de um povo sobre o outro, fundada no conteúdo

de territorialidade das culturas, em seu sentido global. A absorção pode chegar ao extremo de produzir apátridas universais, exemplificados na assertiva de Maurice Thorez: — “A França é meu país, mas a Rússia é minha pátria”.

A questão inicial que se suscita, para a devida compreensão do tema, é, justamente, o significado de cultura. Qual seu exato conteúdo?

2 — Cultura

Conforme a noção científica, pacificamente acolhida pelos tratadistas, o termo cultura não se liga ao significado de **erudição**, de **ilustração**, que se lhe dá na linguagem corrente, mas compreende a “soma total das criações humanas, tudo que o homem faz ou produz. no sentido material ou não material”, nas palavras de Artur Ramos. Esse enfoque admite a cultura como “a maneira de ser de um grupo social qualquer”, sua feição particular de se apresentar, de encerrar e solver os desafios que lhe impõe sua existência.

A Tylor devemos a mais citada definição de cultura: “é um todo complexo que inclui os conhecimentos, as crenças, a arte, a moral, as leis, os costumes e tôdas as demais disposições e os hábitos adquiridos pelo Homem, como membro de uma sociedade.” Muitas outras podem ser lembradas :

— “é o conjunto de tradições sociais” (Lowie).

— “é a herança social” (Linton).

— “é um sistema de idéias, conhecimentos, técnicas e artefatos de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade” (Willems).

— “a palavra é usada tènicamente pelo etnólogo e pelo historiador da cultura para abranger qualquer elemento socialmente herdado na vida material e espiritual do homem” (Sapir).

— “a totalidade das reações e atitudes mentais e físicas que caracteriza a conduta dos indivíduos. compondo, coletiva e individualmente, um grupo social, em relação a seu **habitat** natural. a outros grupos, a membros do próprio grupo, e de cada individuo em si mesmo” (Boas).

— “é a soma de atividades, de estilos de vida, de materiais elaborados por um grupo humano: inclui invenções, instrumentos, todo o equipamento material do grupo; inclui ainda fatôres imateriais como a língua, a arte, a religião” (Gilberto Freyre).

— “é aquilo que, no meio, é devido ao homem”, “o modo de vida de um povo”, “o elemento derivado do comportamento humano” (Herskovits).

Evidencia-se, pois, que a cultura é uma característica do gênero humano, capaz de transmissão dos conhecimentos adquiridos “pelo

fato de possuir a faculdade de falar e a faculdade de se exprimir por símbolos, abstrações e generalizações", como explica Kroeber. Daí a afirmativa de Gilberto Freyre: "o homem é um animal que se distingue pela capacidade de criação e acumulação de cultura".

O complexo cultural, assim, se integra pelo comportamento humano, enquanto o **modo de vida** dos animais não basta para constituir uma cultura, exigente, basicamente, de uma elaboração psicológica superior.

Como sumaria Linton, cultura, como termo geral, abarca a "herança social total da humanidade" e, especificamente, "uma determinada variante da herança social" — isto é, a cultura como um todo se compõe de múltiplas culturas, peculiares a grupos de indivíduos.

Convém, mesmo de passagem, recordar que autores de nomeada (Soloman Asch, Max Weber, Rickert, Sorokin) vêem na cultura e na civilização meras etapas de um só fenômeno sociológico, na sequência de sua evolução espaço-temporal. Para Hovre, a cultura é internacional, enquanto a civilização é nacional. Para Spengler, cultura é alma, civilização é inteligência. E o Padre Fernando Bastos de Ávila salienta que civilização possui uma conotação temporal e cultura um contexto espacial, ligado a uma comunidade humana "reagindo ecológicamente" no âmbito de sua área geográfica e no lapso de sua História.

Para efeito expositivo, todavia, é oportuno frisar que empregamos cultura na acepção de Tylor e civilização na de Toynbee, isto é, um campo inteligível de estudo histórico. Assim, falamos numa cultura brasileira dentro da Civilização Ocidental.

Essa tônica de territorialidade da cultura faz clara a importância do nacionalismo que a ela se pode agregar. O triste legado filosófico da perda da noção de Absoluto, com o conseqüente descaminho da absolutização de valores relativos — o homem em si ou seus derivados (raça, nação, Estado...) — está no cerne da tendência a dar-lhe caráter carismático ou hipertrofiado. Basta ver o misticismo da conceituação de Renan: "Uma Nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas que se fundem numa só constituem essa alma e esse princípio espiritual. Uma está no passado; a outra no presente. Uma é a posse comum de um opulento legado de recordações — a outra é um consentimento atual. O homem não se improvisa. A Nação, como o indivíduo, é a realização de um passado de esforços, sacrifícios e devotamentos".

Semelhante distorção permitiu a Alfred de Soras distinguir o nacionalismo sadio, processo de aprimoramento do lar social, benéfico e salutar, e o nacionalismo traumático, este a assumir "um complexo coletivo de agressividade contra outras nações, senão mesmo contra a própria comunidade internacional". Outra modalidade ainda há, apontada por João Camilo de Oliveira Torres e de

forte importância pela vinculação aos aspectos de extraterritorialidade da penetração cultural — é o nacionalismo desapegado ao amor da pátria, norma de ordem moral, e sem exaurir-se com a obtenção de um objetivo nacional concreto, para postular uma doutrina, criar um sistema *in abstrato*, assumir uma posição ideológica radical. Essa forma deturpada grassa no mundo de hoje, politicamente explorada à base de uma premeditada confusão terminológica. E sua expansão contém significativo indício de sucesso psicossocial alcançado mediante a penetração cultural.

3 — Encontros Culturais

A cultura, por sua própria dinâmica interior, é irradiante de valores, havendo um confronto permanente nessa projeção sobre as demais culturas, que igualmente se comportam. O antigo problema das distâncias físicas foi praticamente anulado pela revolução tecnológica, para converter-se no dos recursos disponíveis no concernente aos meios de comunicação. Houve, portanto, um deslocamento do plano dos encontros culturais, com sua amplitude levada a limites ecumênicos. Pode-se dizer que tôdas as culturas vivas se defrontam simultaneamente, utilizando os veículos difundidos pela tecnologia ocidental.

A intensidade da irradiação cultural pode ser tão fraca que não atinja os valores correspondentes da cultura sobre a qual se efetua (p. ex., as armas africanas são curiosidades museológicas para o armamento militar ocidental), ou tão forte que tenda a suprimi-los (p. ex., o caso inverso). Entre tais pontos extremos está o ótimo — valores que, ao integrar-se, enriquecem ambas as culturas (p. ex., as filosofias ocidental e chinesa).

É claro que semelhante embate cultural representa um repto constante, exigente de respostas decisivas. A aceleração histórica, característica de nossa era, não faculta longos prazos para definições culturais, quando o encontro essencial é um atrito. A debilidade incapaz ou a omissão covarde, na formulação clara e na sustentação dos princípios fundamentais de uma cultura, é sua sentença de morte — absorvida, perde sua individualidade, sem cooperar para o progresso humano. Não morre como semente de futuro, para elevar-se a nível mais alto, mas desaparece sem justificar-se.

A imposição de uma cultura em bloco só apresenta condições de viabilidade quando a vítima é uma sociedade primitiva, sem defesas possíveis, que não opte por um fechamento passivo a determinar sua breve liquidação. A diferença do nível entre as culturas suscita consequências de peso — é freqüente o acolhimento superficial de traços secundários, desligados daqueles que lhes dão o verdadeiro conteúdo. Isso pode implicar um vácuo futuro, pela renúncia aos valores tradicionais que baseavam a cultura receptora sem substituí-

los por outros de análoga categoria funcional. Quebrada em seu interior, tal cultura perde sua força criadora e sua sobrevivência é mimética, com a perda progressiva, em aceleração geomêtricamente crescente, de sua individualidade. Esse processo, de início lento e aparente inocência, pode decorrer da simples frouxidão estrutural de uma cultura, omissa na própria tomada de consciência de seus valores primários. Com efeito, os piores males são os infiltrados insensivelmente no organismo social porque não provocam reação a tempo.

Um equívoco corrente é admitir que valores culturais secundários são absorvíveis, indiscriminadamente, sem qualquer risco. Mas isso logo se evidencia errôneo se recordarmos que a cultura constitui um complexo de valores inter-relacionados, através de liames estreitos a dar-lhe uma fisionomia própria. Um traço cultural qualquer encontra seu real sentido dentro de uma constelação cultural — se não fôr devidamente integrado pela cultura receptora, constituir-se-á num corpo estranho em seu contexto, a patentear opções falseadas pela subversão das hierarquias axiológicas. De que vale um moderno equipamento ocidental em mãos dos que não possuem uma adequada mentalidade para sua utilização? Assim se explica o radicalismo de certas rejeições de Gandhi a conquistas tecnológicas ocidentais — a defasagem no plano em que se confrontava com a alienígena, trazia para a cultura hindu o risco de adquirir progresso material à custa da perda de sua alma, num ato fáustico.

A questão, mais do que nunca, é atual. Os encontros culturais se verificavam, com preponderância esmagadora, através das *intelligentzias*. Com o advento dos meios de comunicação contemporâneos, as áreas de contacto se alargaram e multiplicaram, trazendo à luz o opinamento das massas, cuja participação no processo é uma face do fenômeno de sua ascensão, ressaltado pelo Papa João XXIII como um dos marcantes de nossa época. Seu comportamento é um componente que não há como minimizar na apreciação da trama cultural universal de nossos dias.

O esboço dessa atitude foi objeto de balanço pelo historiador grego das idéias Kostas Papaioannou. A cultura tradicional era homogênea, tendo a totalidade de seus valores, dos deuses ao amor, compartilhado pelos membros da comunidade. As cosmogonias, por exemplo, elaboradas por elites sacerdotais, eram, prontamente, traduzidas em mitos e chegavam a todas as capas sociais, inclusive às crianças, através de contos. A cisão entre uma cultura de elite e outra popular representa uma fragmentação que, progressivamente, se acentua com as especializações, dificultando a própria comunicação dos sábios, perdida a antiga unidade espiritual. Assim, no momento da irrupção das massas na cultura hodierna, a própria elite se vê em posição crítica e quanto mais culpada se sente dêsse isolamento, como no caso russo, mais tende a transformar suas idéias

em ideologia. Esta, ao idolizar as idéias, constitui "o ponto entre a incultura das massas e a cultura da elite." As massas, por sua vez, rompidos os laços com sua cultura popular tradicional, ficam culturalmente nuas e inermes, prêsas fáceis de um baixo comércio que as considera passivas consumidoras, ou melhor, compradoras de bens culturais. Dai a proliferação de uma indústria paracultural, explorando os níveis inferiores do psiquismo humano. Conclui Papaiouannou: — "O êxito de James Bond é bastante revelador, já que marca o nascimento de uma nova subcultura, fundada no erotismo e na violência, e cuja característica é a de dirigir-se ao que está do lado de cá de nosso espírito, de nossa consciência".

A tragédia que se desenha, então, é a de culturas internamente cindidas, com efeitos visíveis mesmo a um observador desatento — a irradiação de valores desintegrados de seu contexto formador e, de outra parte, a incapacidade de sólida resistência a uma penetração cultural apoiada nos meios de comunicação ora disponíveis.

A explosão populacional alarga esse campo e, concretamente, se verifica que a tônica do ataque se concentra sobre as massas despreparadas e as faixas etárias ainda não engajadas, com plena consciência, na cultura onde vivem. A fórmula é comum — apresentação das elites como estranhas aos valores da massa e, por conseguinte, degradadas de dirigentes a opressoras, para usar a terminologia de Toynbee. A ambiência psicológica criada por semelhante preparação é demoníaca, pois elimina as bases da liderança e leva à busca de respostas com valores importados, por vezes em conflito essencial com os fundamentos da cultura nacional. Não olvidemos que, culturalmente, dirigente é algo mais do que aquele encarregado, pela estrutura social, de comandar; é, sobretudo, aquele a quem os demais se dirigem à procura de soluções. A unidade espiritual de uma cultura é, portanto, o fator primeiro de sua sobrevivência nos contactos criadores com suas irmãs e na repulsa a agressões com intuits escravizadores.

Os desequilíbrios das culturas vivas, agravados e envenenados pelas bruscas mudanças das condições materiais do mundo, engendram outros óbices.

As formas das estruturas sociais contemporâneas, em função da natureza qualitativa dos valores que as encerram, são evidentes — extremam-se em mediocres e superiores, conforme sejam marcadas pelo pauperismo ou pelo desenvolvimento, a criar motivações básicas, propícias à solidificação das raízes e heranças culturais.

São mediocres as estigmatizadas por uma cultura débil, com os males da miséria, da doença, do analfabetismo. Superiores são as incorporadoras de culturas que se transmitem melhoradas e enriquecidas por idéias e realizações objetivas de valorização humana.

A comunicação entre os dois tipos de cultura não é impossível, mas, indubitavelmente, é difícil, penoso e ingrato. Verifica-se, tragicamente, uma tendência de aprimoramento das estruturas já evoluídas, em contraposição ao imobilismo vocacional das imperfeitas. A atitude psicológica das relações interpessoais entre os que têm igual status social parece estender-se ao relacionamento grupal de desenvolvidos e subdesenvolvidos. A atração ou simpatia, como fenómeno da comunicação humana, também se exprime, com forma e conteúdo análogos, no comportamento social das estruturas mediocres e superiores.

Os princípios gerais pertinentes a tal comunicação foram sintetizados por Oswaldo Cabral:

“1. — O contacto entre duas culturas diversas pode ser verificado pela aproximação das mesmas ou, sendo longínquas, por agentes portadores de uma cultura na área de uma outra;

2. — Duas culturas em contacto efetuam trocas entre si, influenciando-se reciprocamente, pelo empréstimo dos seus elementos culturais;

3. — As trocas são favorecidas pelo contacto direto entre as culturas;

4. — Tanto mais diferenciadas entre si as culturas, tanto menor o volume das trocas. O empréstimo é favorecido pela aproximação dos níveis das culturas em contacto”.

4 — Ocidentalização Cultural

A expansão da tecnologia ocidental, em matéria de produção, transportes e informação, avizinhou tôdas as regiões do mundo, de maneira inegável e irreversível. Mas, também, de forma superficial — a uniformização dos quadros aparentes de vida, dos trajes à arquitetura, não acarretou a dos níveis médios de vida e nem a interação cultural profunda.

Na Ásia, África e América Latina, são visíveis surtos de resistência a uma uniformização descaracterizadora da individualidade cultural com esforços de reafirmar a valia de notas específicas tradicionais mediante uma reflexiva tomada de consciência.

Denis de Rougemont alertou quanto aos danos possíveis dessa superficialidade: “Os contactos inevitáveis, se permanecem exteriores e puramente sofridos, reforçam os preconceitos mútuos, longe de dissipar os mal-entendidos profundos (muitas vezes de natureza espiritual) que comprometem os acôrdos políticos e até econômicos. Podem provocar choques violentos, uma degradação de valores, desequilíbrios sociais e psicológicos, seguidos de tomadas de posição defensivas e fechadas, ou reivindicativas e propagandísticas. Criam nas elites que os sofrem aquilo que tão justamente se descreveu como um estado de nevrose, uma espécie de esquizofrenia cultural”.

O caminho fecundo é o inverso — reconhecimento, em cada cultura, de suas contribuições específicas, compreensão das contribuições oriundas do exterior, enfim, intercâmbio criador de valores. Os pressupostos para segui-lo, todavia, não são de fácil estabelecimento.

Os contactos entre especialistas sábios podem esgotar questões de suas áreas sem tocar os problemas gerais de fundo, pois não é a soma de especialidades que plasma e representa uma cultura viva. Esta se manifesta em conjunto de valores, que suscitam questões sucessivas de alcance global — é uma integração.

Tais iniciativas são indispensáveis como um elo no intercâmbio cultural, mas não devem perder a perspectiva de conjunto. Nota-se, no entanto, que êsse diálogo de especialistas se faz, comumente, à margem dos responsáveis pelas relações políticas, econômicas e técnicas. Na ajuda aos países subdesenvolvidos, a negligência da aproximação de culturas é marcante: decisões isoladas à luz de fins apenas políticos, organismos econômicos despreocupados das implicações espirituais e psicológicas, empresas privadas só movidas pela rentabilidade de seus investimentos.

A ocidentalização tecnológica do mundo, além disso, tende enfocar de um ângulo unilateral êsse problema, com uma posição falseada. Considera-se o relacionamento da Europa, no máximo do Ocidente, com as demais culturas, desprezadas as relações diretas entre estas, divulgadas por conduto externo ocidental. E com isso, drasticamente, reduz-se o benefício a auferir da permuta de valores.

O Centro Europeu de Cultura apreendeu os óbices a êsse debate, concluindo que as regiões culturais identificáveis são menores e mais definidas do que o binômio Ocidente-Oriente. E, ao mesmo tempo, mais vastas e reais, culturalmente falando, do que os Estados-Nações segundo o corte europeu do século passado. Para fins práticos, em consequência, distinguiu uma dúzia de regiões: América Latina (espanhola e portuguesa), América do Norte (Estados Unidos e Canadá). Europa, União Soviética, mundo árabe (Maghreb e Próximo-Oriente), África negra (francófona e anglófona), Irã-Paquistão-Afganistão, Índia, Sudeste da Ásia budista, Indonésia, China e Japão. E, mais, duas zonas intermediárias: os países europeus satélites da União Soviética e os países budistas situados entre a Índia, a China e a Indonésia.

Muito haveria que discutir nessa tentativa classificatória, mas aqui basta a restrição a êsse simplismo América Latina, a recobrir casos divergentes. Um conceito genérico de projeção europeia, conotado com o subdesenvolvimento, mas incorreto ao mascarar uma rica, por vezes insuspeitada, herança cultural, sobremaneira diversificada. Talvez aí se reflita a comprovação do pensamento de Claudé Levi — Strauss: "Do ponto de vista da lógica abstrata, pode-se dizer que nenhuma cultura é capaz de julgar uma outra cultura,

uma vez que nenhuma consegue superar suas limitações, e sua apreciação das outras é, portanto, inevitavelmente relativa". Dentrá dessas limitações, porém, é possível e proveitoso o intercâmbio dos valores culturais através de um honesto diálogo.

Dialogar é descobrir-se a verdade enunciada por outrem, com o coração aberto para entrar em seu mundo e, simultaneamente, com os olhos atentos para a preservação de seus valores próprios, a fim de não ser soterrado pela riqueza recebida. Caminho facilmente suscetível de desvios, sobretudo quando o diálogo é para ser entabulado entre culturas e passa a ser brandido como instrumento de penetração cultural.

Bartolomeu Valente, ao ponderar as condições de um diálogo proveitoso na busca de valores culturais superiores, denunciou três erros graves a serem evitados, os quais se corporificam em atitudes correlatas:

1ª.) **olhos e coração fechados** — posição hostil, sem comunhão de pessoas e elaboração de verdade. Vincada pelo dogmatismo, inimigo do progresso, e pelo sectarismo, avesso ao homem pensante, impede qualquer originalidade. Só a guerra pode resolver as divergências, impondo, em bloco, uma das opções em confronto;

2ª.) **olhos fechados e coração aberto** — perspectiva ingênua, tipificada pela falta de personalidade. Um mundo de valores é absorvido pelo outro e, assim, fica ausente e mudo. Há, apenas, um monólogo, pelo que o relacionamento nada significa quanto ao avanço comum para maiores valores; e

3ª.) **olhos abertos e coração fechado** — é a violação mais comum do equilíbrio do diálogo. Busca-se impor os valores próprios como únicos verdadeiros, cerrando-se, de antemão, as portas ao mundo do contestante, cuja liberdade é ignorada. Lesa-se, então, a verdade, desenvolvida unilateralmente, afastando o progresso oferecido por diversidade de alternativas fecundas. Fere-se, ademais, a justiça, pois se recusa uma igualdade na livre procura da verdade. É a forma adotada pela penetração cultural.

Por tudo isso, pôde o intelectual hindu Raja Rao considerar o diálogo cultural como de natureza essencialmente metafísica e pro-ficuo apenas se verificado com participantes seguros dos respectivos princípios fundamentais.

No contexto ocidental situa-se a cultura brasileira, objeto de um estudo clássico de Fernando Azevedo. Incorporado tardiamente à franja proletária da Civilização Ocidental, o Brasil plasmou sua cultura mediante o amálgama de contribuições diversificadas, fundidas sob a pressão dos desafios de toda ordem levantados através de sua História. Não nos cabe aqui discutir a predominância da contribuição européia, constante ponto de referência de nossa formação cultural, mas que, ultimamente, tem sido acusada de restrita

ao continente, sendo válida para o conteúdo a exclamação de Bernardo Pereira de Vasconcelos: "A África civiliza a América".

5 — Ocidente-Oriente

O denominado esmaecimento do conflito Ocidente—Oriente é de ser considerado com cautelosas restrições. Do ponto de vista político ou militar os sintomas identificáveis são superficiais se enfocados culturalmente. De fato, quaisquer alianças não elidiriam uma oposição de culturas, cujo diálogo se reveste de particularidades singulares.

A União Soviética incorpora uma filosofia de Estado resultante de irradiação ocidental. O marxismo, heterodoxia na cultura do Ocidente, proveio de uma crítica a certa fase de sua evolução e, agora, ensaia-se reexportá-lo do Oriente, num curioso caminho de volta, aproveitando as aproximações oriundas de suas raízes intelectuais e históricas ocidentais.

Aristóteles frisava que quando "se pensa bem, necessariamente se ordenará tanto a vida individual, como a vida coletiva em vista do melhor". Aí a função da Política, coordenando valores e habilitade prática, e o enigma que se lhe defronta — que é o melhor? Nessa resposta, está uma oposição irredutível de culturas, a partir da concepção do homem e da sociedade. Ocidente e Oriente insistem em apregoar humanismos, que só se assemelham verbalmente, arredados pelos respectivos conteúdos.

Para o comunismo, o poder político é o poder organizado por uma classe para oprimir a outra, que, mediante a dinâmica da luta de classes, formará a sociedade do futuro (sem classes, sem Estado, com regime comunista de distribuição). Nessa terra prometida, a verdadeira liberdade viria com o triunfo sobre o determinismo do histórico e do natural, sendo o proletariado o instrumento dessa revolução social, como motor da História, ou seja, um aristocrático grupo eleito. Os elementos pensantes da sociedade apenas se completam como intelectuais proletários, participantes da política concreta para explicitar o segredo do desenvolvimento histórico.

O fundamento último dessa tese está na antropologia hegeliana — o homem é, primeiramente, um simples dado, nêle aparecendo a vontade como pensamento, idéia de que se pode recusar qualquer condição. A vontade necessariamente se dá um fim, a ser concretizado na realidade com os meios da realidade. A vontade realiza-se ao alcançar seu conteúdo, que, para uma vontade livre, só pode ser a própria liberdade. Essa vontade livre somente se satisfaz na busca de uma organização racional e universal da liberdade. O homem é livre na medida em que quer a liberdade em comunidade livre, sendo o fim da História organizar essa liberdade-razão. O destino humano não se completa fora da Política, pois só o político

permite efetivar num dado contexto as exigências da razão, sendo tarefa filosófica desvendar o sentido das atividades concretas de uma época, de uma sociedade, de um meio determinado.

A complexidade da tese sempre afastou da propaganda comunista, apoiada no simplismo de promessas gratuitas e desligadas de suas bases filosóficas. Sua derivação é a mesma dos outros sistemas modernos aparentemente antagônicos: o deslocamento do absoluto de Deus para o homem em si (indivíduo ou conceitos d'ele originados, como raça, nação, Estado...). Volta-se ao estatismo pagão, com as teses inumanas, como diz Blondel, de julgar a sociedade como adição de indivíduos e de ver no homem uma fabricação do ser coletivo, realidade tida como superior ou mesmo anterior a seus membros. Ressoa a voz de Mussolini, ao indicar que o fascismo "confirma o Estado como a verdadeira realidade do indivíduo...".

As linhas originárias das culturas ocidentais são bem outras, repudiando a visão materialista do ser humano. A sociedade se faz pelos indivíduos, fundada num estado de espírito que pode ser coletivo em suas manifestações mas é individual em sua origem. O ente social é um efeito natural oriundo da atividade espiritual de seus componentes, princípio de que decorre, lógica e necessariamente, a existência de um fim imanente e essencial, que é o bem comum. A pessoa humana está, como causa consciente e livre, no princípio da vida social, e em seu benefício reverte o bem comum. Mas a pessoa humana tem um destino superior ao tempo, pelo que a comunidade política, em suas conquistas temporais, não pode perder de vista sua obrigação de ajudar cada pessoa humana a obter sua liberdade definitiva e cumprir seu destino final. Essa visão cristã do humanismo sempre embebeu os lineamentos das culturas ocidentais, exigentes do respeito à dignidade humana e condenatórias de um estatismo esmagador da liberdade e dos valores individuais.

Semelhante antagonismo é subjacente no confronto Ocidente—Oriente e influi em toda sua problemática. Explica, por outro lado, os ferozes ataques aos valores de ordem espiritual, justamente aqueles que conformam e individualizam nossas estruturas culturais básicas. Seu abandono seria a despersonalização cultural e o vácuo propício à penetração cultural.

6 — Perspectiva Brasileira

Desde os tempos coloniais, é apontado como uma tônica do caráter do povo brasileiro a frouxidão dos laços sociais — falta de aproximação durável e profunda em associações voluntárias. Esse traço marcante de sua psicologia social se revela na pronta dissolução dos grupos assim que alcança o fim imediato do esforço conjunto. Como diz Gilberto Freyre, o desejo de solidariedade é, ainda

hoje, muito fraco no brasileiro, "quase que sensível apenas no parentesco próximo e à identidade de religião".

Autorizados depoimentos registram o fato, assinalado por Capistrano de Abreu na Colônia: "vida social não existia, porque não havia sociedade". O mesmo escrevia, no século passado, o arguto Saint-Hilaire, enquanto, em 1879, Tobias Barreto bradava, com amargura brutal: O que mais salta aos olhos, o que mais fere as vistas do observador, o fenômeno mais saliente da vida municipal, que bem se pode chamar o expoente da vida geral do país, é a falta de coesão social, o desagregamento dos indivíduos, alguma coisa que os reduz ao estado de isolamento absoluto, de átomos inorgânicos, quase podia dizer, de poeira impalpável e estéril. Entre nós, o que há de organizado, é o Estado, não é a Nação; é o governo, é a administração, por seus altos funcionários na Corte, por seus sub-rogados nas províncias, por seus íntimos caudatários nos municípios; — não é o povo, o qual permanece amorfo e dissolvido, sem outro liame entre si, a não ser a comunhão da língua, dos maus costumes e do servilismo". E em outra oportunidade: "No Brasil, povo significa uma multidão de homens, como porcada significa uma multidão de porcos".

Oliveira Viana qualificou de "restritíssimo" o âmbito de nossa solidariedade social, explicando: "As formas de solidariedade voluntária, de cooperação espontânea e livre, só aparecem entre nós sob a ação empolgante dos grandes entusiasmos coletivos: a frio, com a automaticidade, instintiva dos anglo-saxões, não as criamos, nem as sustentamos nunca. Partidos políticos ou ligas humanitárias, sociedades de fins morais ou clubes recreativos, tôdas essas várias formas de solidariedade têm entre nós uma vida artificial e uma duração efêmera".

Um efeito dessa frouxidão de estrutura social, ressaltado por Sérgio Buarque de Holanda, é que "os elementos anárquicos sempre frutificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolência displicente das instituições e costumes. As iniciativas, mesmo quando se quiseram construtivas, foram continuamente no sentido de separar os homens, nunca de os unir. Os decretos dos governos nasceram em primeiro lugar da necessidade de se conterem e de refrearem as paixões e as opiniões dos homens, só raramente da pretensão de se associarem as suas forças".

Na vida cultural, semelhante característica engendra a preferência pelo autodidatismo, em detrimento do estudo metódico em conjunto. O brasileiro, infenso ao trabalho de equipe, opta pela obra individual, onde, a par de sua autoria, inequivocamente registrada, está liberado de renúncias em prol de idéias alheias vencedoras no grupo e pode manter sua personalidade soberanamente dominante.

Esse fato significa, pela conseqüente dispersão de esforços, uma brecha nas defesas oponíveis à penetração cultural. Seu agrava-

mento muito se acelerou em decorrência da revolução tecnológica, — depois que, em 1450, Gutenberg imprimiu, em Mogúncia, o primeiro livro com tipos móveis, o crescimento da quantidade de papel impresso foi avassalador. Um exemplo ilustrativo: se admitíssemos que o incremento da *Physical Review* continuasse, no ritmo do período 1945-1960, até o fim do século, teríamos a conclusão surpreendente, apontada por Oppenheimer, de que seu. pêso ultrapassaria o pêso do próprio mundo! De qualquer maneira, havia cerca de 100 jornais e revistas científicas, em 1800; quase 100.000, em 1960; 1.000.000 (um milhão) no ano 2.000, se mantida a taxa de aumento...

Ante semelhante *mare magnum* de informações, que pode o esforço isolado? E se a observação é válida para os especialistas, em seu próprio campo de estudo, como se retrata a situação dos demais? Ficam à mercê das mensagens divulgadas pelos meios de comunicação, que com a possibilidade técnica de terem ampliados, em grau infinito, seu limite e sua simultaneidade, se constituem em enorme poder utilizável, com importância decisiva, na penetração cultural.

O grande dilema de adesão a idéias políticas e sociais básicas, crucial no mundo contemporâneo, coloca-se na luta pelos compromettimentos individuais no seio da massa. Esta, por outro lado, sem o equipamento intelectual necessário para integrar o material informativo com que é assediada, passa a formar sua opinião e firmar seus entendimentos à base de "slogans", condensados em títulos de notícias, cujo texto completo, em geral, nem é lido. O uso maciço dos recursos audiovisuais permite atingir, em cheio, a população analfabeta, que se vê enfrentada com êsses problemas fundamentais. E, assim, conhecimentos pseudocientíficos, meias-verdades distorcidas, são propalados para moldar decisões vitais, pois o homem-comum se sente lisonjeado em acreditar poder, facilmente, estar em dia com a cultura, para eleger entre soluções alternativas.

A elaboração desse material, influenciada pela preocupação da renda publicitária, é descrita por Will Irwin: "Suponhamos que seja o cometa de Halley. Bem: em primeiro lugar, você terá uma meia-página de decoração, mostrando o cometa, com desenhos históricos dos aparecimentos anteriores. Se puder incluir uma linda môça na decoração, melhor ainda. Se não, lance mão da fantasia como, por exemplo, de habitantes de Marte observando-o passar. Em seguida, você precisa de um quarto de página em tipos grandes e vistosos. Depois, quatro polegadas de legenda, escrita ao correr da pena. Em seguida, uma fotografia do Professor Halley em baixo e outra do Professor Lowell em cima e um quadro de duas colunas contendo uma opinião científica, a qual ninguém entenderá, mas só para lhe dar categoria".

A penetração cultural, apoiada nas lições da Psicologia Social, sabe empregar todos êsses recursos, para infiltrar seus conceitos ou

para solapar as próprias bases da cultura que visa a conquistar. Vale uma rápida consideração das vias mais usualmente trilhadas para tanto.

6.1 — Intercâmbio Científico

A tremenda sangueira derramada, a partir dos começos do século XVI, com ferozes guerras de Religião, levou o homem da Civilização Ocidental a desviar sua ênfase, na controvérsia intelectual, da Teologia para as ciências físicas experimentais, cuja verificação objetiva afastaria ou resolveria as mais apalxonantes divergências. Nesse campo neutro, o intelectual mantinha sua independência de pesquisa e comunicação dos resultados obtidos, ao mesmo tempo que se distanciava das pendências políticas de seu país ou externas. O sucesso alcançado, nestes séculos, nesse setor do conhecimento humano acarretou para os cientistas, como frisa Toynbee, um efeito irônicamente negativo. A aplicação dêsse saber para fins bélicos elaborou armas de insuspeitado poder destrutivo e impôs a interdição da livre intercomunicação dos dados cientistas, trunfos preciosos nessa guerra surda. O vulto dos recursos necessários a seu trabalho, de outra parte, cada vez mais os subordina à ingerência estatal, como única capacitada à mobillização dos mesmos. O intercâmbio científico, por conseguinte, se circunscreve por razões de ordem política.

O rápido avanço tecnológico traduz-se numa redução progressiva do intervalo de tempo entre os estudos teóricos e a realização do produto em escala industrial, o qual tem sua média estimada:

Século XVII — 100 anos;

Século XIX — 50 anos; e

Século XX — 5 a 10 anos; por exemplo: a bomba atômica (1935 — 1945) e transistor (8 anos).

A revolução tecnológica propiciou uma cultura, embora menos veloz, na área das ciências sociais. Essa diferença de ritmo, numa época marcada pela aceleração histórica, reflete-se num descompasso gerador de tensões e desequilíbrios culturais. Erro de fácil generalização é sinonimizar o adiantamento tecnológico com o progresso em si, numa visão materialista e parcial da destinação humana. Todos êsses recursos agora à nossa disposição multiplicam, em grau fabuloso, os poderes diretamente exercidos pelo homem, envolvendo, em seu âmago, o mesmo problema de escolha — podem ser usados para o bem ou para o mal. Reencontramos a questão ética fundamental — nesse sentido não é tão simples contestar à pergunta do progresso humano, nem se justifica o olhar de superioridade sôbre nossos remotos antepassados. O ritmo de progresso é lamentavelmente lento! Mas a questão é, facciosamente, colocada

em termos falseados, exercendo fascínio sobre povos angustiados pelo peso do subdesenvolvimento, propensos a uma decisão apressada que, ao desvinculá-los das raízes de suas culturas, custará, a longo prazo, sua despersonalização.

Nos países desenvolvidos, a emigração de cientistas é compensada num verdadeiro sistema de vasos comunicantes, além da absorção dos provindos dos subdesenvolvidos, que, normalmente, não podem substituí-los. Para uma idéia dessa "fuga de cérebros", basta recordar que, após a 2ª Guerra, a Noruega perdeu 23% de sua elite técnica e a Iugoslávia 15%; a Argentina 5.000 engenheiros; e, em 1963, 14 dos 15 técnicos formados pela Universidade de Kumasi (Gana) saíram do país... Estima-se a perda média de 50% dos estudantes de países subdesenvolvidos apenas nos Estados Unidos.

Semelhante fenômeno é grave, ao frear as possibilidades de formação de uma tecnologia nacional, que, inclusive, estabeleça um grau mínimo indispensável à recepção dos ensinamentos estrangeiros. Isso é aprofundado pelas reações emocionais típicas da psicologia dos povos subdesenvolvidos, que sobremodo dificultam, quando não impedem, a fixação fria de objetos prioritários, pois, para eliminar as distâncias, procuram queimar as etapas intermediárias e ajustar-se, de pronto, aos modelos dos países desenvolvidos.

A Conferência sobre a Aplicação da Ciência e da Tecnologia em Benefício das Áreas menos Desenvolvidas (Genebra, fevereiro de 1963) foi oportuna ao chamar a atenção para tais aspectos. Assim, geralmente, é menos reconhecida a importância da Administração Pública para o desenvolvimento do que a de outros fatores essenciais ao processo. Se ela for deficiente, no entanto, haverá menos, ou até nenhum, progresso. O aprimoramento da Administração é tarefa interminável e deve, sempre, conformar-se às condições existentes no país, dentro dos princípios informativos da denominada ecologia administrativa (Riggs). A Administração é um processo e, conseqüentemente, dinâmica e adaptativa.

6.2 — Intercâmbio Econômico

Fred Schwartz relata que, em certo momento, muito se preocupou o mundo norte-americano dos altos negócios com as previsões a longo prazo concernentes à competição com a União Soviética. Mormente porque o cérebro eletrônico previra para 1965 o desequilíbrio de forças em favor dos soviéticos!

O problema inquietante, porém, é o aumento da porcentagem do produto nacional bruto que a União Soviética passaria a destinar à guerra fria. Possuindo o monopólio de toda a produção econômica nacional, o Partido pode utilizá-la a seu bel-prazer: pode aplicar uma parcela diminuta para o consumo interno e dedicar o grosso dos recursos às campanhas econômicas contra as democracias ociden-

tais. Vasta literatura objetiva os meios e processos através dos quais se realizam essas operações em que o lucro financeiro é substituído pelo advindo com a implantação do caos econômico que tentam lançar nos países não comunistas.

O próprio Lenine dizia: "No dia em que o mundo capitalista começar a negociar conosco, iniciará o financiamento da sua própria destruição". Stalin não era menos taxativo: "Através do comércio, poderemos destruir outras potências que nos são opostas". Tudo levado a minúcias no plano ofensivo de Mao Tse-tung: "Conquistar ou neutralizar primeiro a Ásia, o que nos dará acesso ao Oceano Índico e ao Mediterrâneo; depois a África, o que nos levará ao Atlântico e tornará a Europa e o Oeste indefensáveis. Em seguida, liquidar totalmente a Europa ou então visar à América do Sul. Uma vez esta dominada, a América do Norte estará à nossa mercê e a chantagem nuclear será com certeza suficientemente para dominá-la".

A linha internacional de usar a economia como veículo de ostensiva penetração político-ideológica foi reiterada por Kruchtchev: "No intercâmbio comercial, damos a mínima importância às razões puramente econômicas, e a máxima aos fins políticos". E Molotov: "Ainda não estamos lutando contra a América do Norte, mas, uma vez que a tenhamos despojado de seus mercados, a crise sobrevirá". Também Gerry Mac-Mannus, que durante 19 anos foi membro do Comitê Executivo Central do PC Canadense, depõe conclusivamente: "Para os comunistas, o comércio constitui uma arma ideológica. Se concedermos tão-somente dez por cento do comércio da nossa nação (Canadá) ao mundo socialista, dar-lhe-emos a oportunidade perfeita de criar uma crise no país a qualquer momento em que eles desejarem puxar o tapete de debaixo de nossos pés".

Ozório Lizardo, em 1959, denunciou que os comunicados oficiais sino-soviéticos revelavam a intenção de desfechar uma guerra diplomática na América Latina. "A agressão coincidirá", dizia ele, "com a oferta de generosos convênios comerciais — que nunca seriam cumpridos — e com a formulação de promessas mais substanciais para o futuro".

Essa manipulação econômica para solapar as instituições políticas e sociais, aliás, está apoiada na formulação teórica marxista da repercussão da infra-estrutura econômica sobre as superestruturas política e social.

Saber controlar os aproveitamentos políticos do intercâmbio é o problema a responder, dado que, por vezes, se torna ele inevitável. Daí Harlan Cleveland, Assistente do Secretário de Estado Norte-Americano para Assuntos de Organização Internacional, definir o norte-americano típico como "o cidadão que, tendo acabado de chegar à casa em seu carro alemão, depois de ver no cinema um filme italiano, senta em sua cadeira dinamarquesa, bebe café brasileiro numa xícara de porcelana da China e escreve, em papel de

linho irlandês com uma caneta esferográfica *made in Japan*, uma carta a seu senador reclamando contra a evasão de divisas”.

6.3 — Intercâmbio Intelectual e Artístico

Aqui está o terreno de aplicação de duas armas que os comunistas confessam capitais em suas campanhas. “Propaganda — “veiculação de muitas idéias a poucas pessoas” — para ensinar teorias, organização e doutrina, destinando-se, principalmente, às inteligências pensantes em geral, e aos estudantes, em particular. Agitação — “veiculação de uma só idéia a muitas pessoas” — dirigida às massas. Ambas enfatizam o aspecto messiânico do comunismo, a promessa de uma futura sociedade perfeita, de felicidade plena...

Zukhov afirmou, sem reservas: “a arte não é um brinquedo de estetas, mas um negócio de Estado”. A posição democrática, bem distinta, foi claramente enunciada por Kennedy: “Jamais devemos esquecer que a arte não é uma forma de propaganda, é uma forma de verdade... Numa sociedade livre, a arte não é uma arma e não pertence à esfera da polêmica e ideologia. Os artistas não são engenheiros da alma. Em outras sociedades, poderá ser diferente. Mas na sociedade democrática, o mais alto dever do escritor, do compositor, do artista, é permanecer fiel a si mesmo. Ao servir à sua visão da verdade, o artista serve melhor ao seu país”.

A universalidade da arte é apreciada de modo diverso pela doutrina marxista, que separa a arte burguesa da proletária, esta progressista e aquela reacionária e decadente... A arte proletária estará informada pelo realismo socialista, cujo rígido dogmatismo é assegurado pelo absorvente controle estatal. Sua aplicação como instrumento de penetração cultural é, portanto, facilitada pela manipulação do conjunto dessas manifestações como dependentes de uma repartição de serviço público, impedidas quaisquer heterodoxias por uma rigorosa censura.

A ânsia de superar o subdesenvolvimento econômico leva, frequentemente, grupos a ver o progresso material como impondo a renúncia a seus valores culturais tradicionais. Aí se tornam presas fáceis da penetração cultural e contribuem, de forma decisiva, para descaracterizar seus países. As possibilidades oferecidas pelos modernos meios de comunicação colocam o problema em termos globais, isto é, referente a todas as categorias da população. É evidente que a falta de maturidade cultural, de cultivo dos valores tradicionais do país, abre o caminho a uma derrota fragorosa, pela ausência de algo da mesma natureza a opor ao desafio comunista. Daí a concentração dos ataques sobre os valores básicos, sem cuja subsistência se derruba a constelação cultural.

Schumann observou que “uma revolução pode estar escondida no pentagrama — e a polícia não sabe!” De fato, a cultura, muitas

vêzes, foi um instrumento de protesto na literatura, no teatro, na música, nas artes em geral. E nos últimos anos desenvolveu-se uma forma cultural de protesto especialmente popular, como canção folclórica "com mensagem" ou "declaração em forma de canção". A divulgada intérprete Julie Félix enunciou o programa do movimento: "As canções que interpreto podem ajudar a definir com maior clareza os sentimentos dos jovens e a dar a sua experiência um sentido mais profundo". Toca-nos de perto êsse apêlo à juventude, quando 51,8% da população brasileira tem menos de 19 anos.

Não é difícil perceber que tôdas essas vias de acesso à plasmação da opinião pública estão sendo alvo das tentativas de penetração cultural. Os protestos construtivos válidos são distorcidos para se volverem em derrisão dos valores de nossa cultura e de suas exteriorizações institucionais e hierárquicas. Exemplo típico nos dá a consideração, mesmo superficial, do ocorrente, no teatro, comprovadamente um recurso pedagógico de profunda repercussão, sobretudo, pelo relacionamento interativo entre atôres e espectadores.

Objetiva-se, por conseguinte, não estimular um processo cultural, mas desviá-lo por fins políticos. Atenta-se, em última instância, contra a própria sistemática educacional, transmissora da cultura do país, em seus pontos mais relevantes. Edward D. Myers, ao complementar Toynbee com o estudo comparativo da Educação, em treze civilizações, sublinhou dois fenômenos característicos educacionais em tôdas as sociedades:

a) método de aprendizado — aprender, em qualquer campo, por observação e imitação de outros mais completos; e

b) tradição oral — em declínio pela dependência em que nos colocamos quanto aos elementos escritos. Somos céticos relativamente à tradição oral pelo desuso da memória, apesar da grande vantagem do relacionamento direto na comunicação.

A consciência da importância dêsse caminho explica o porquê dos esforços dos países comunistas na obtenção e conservação de postos em organizações como a UNESCO. Mais do que nunca se revela a penetração cultural como arma política visando a atingir a grande massa de analfabetos do mundo no próprio início do processo educacional que os integrará na comunidade internacional. A própria UNESCO calcula que os 60% dos habitantes do planêta carecem de meios de informação satisfatórios.

7 — Conclusões

Os contatos culturais, no mundo de hoje, são um fenômeno inevitável e, em si, benéfico. Mas, ao mesmo tempo, ocorre um fenômeno paralelo, o de sua deturpação através de um pseudodialogo — a penetração cultural, consistente numa projeção do exterior caracterizada por fins políticos.

A tragédia, assim, está na dificuldade em separar o intercâmbio proveitoso dos elementos aí misturados, planejadamente, para obter vantagens políticas à custa da desintegração de valores fundamentais do povo agredido. Esse o perigo constante da penetração cultural — fazer-se passar por legítimo diálogo cultural até que a infiltração produza seus efeitos devastadores, formando legiões de “inocentes úteis”.

Vemos, portanto, que a penetração cultural envolve, basicamente, um ataque psicológico, a ser enfrentado por toda a população. Não basta eliminar a série de aspectos externos, secundários, de penetração cultural, mas é indispensável, sem demora, opor-se a cultura brasileira ao trabalho de sapa concretamente empreendido pelo comunismo. Como fazê-lo?

Num regime totalitário, o caminho de resposta está na junção de três elementos:

- a) uma doutrina política seguida dogmáticamente, sob rígido controle estatal, constituindo a estratégia política;
- b) o monopólio dos meios de comunicação com as massas; e
- c) a organização das massas para a recepção da mensagem.

A própria natureza das democracias impede adotar esse esquema, salvo em setores restritos estruturados com fundamento num sistema autoritário. Aceitá-lo é aderir, de antemão, a um fracasso, pois a falta de uma política unitariamente definida e de massas organizadas invalidam sua eficiência. Os peritos europeus aí localizam um dos equívocos norte-americanos na guerra psicológica: tentar o emprego de meios de vocação materialista em países essencialmente espiritualistas.

Outra alternativa está na informação objetiva — mas é ela praticamente impossível numa época de massa. Seria tão estúpido quanto querer contrapor o indivíduo à massa. A importância dos acontecimentos em escala mundial impõe seja inserido o problema nesse contexto para que se atinja a objetividade. Ora, tanto informantes como informados se defrontam com problemas cruciais, como já assinalamos, de modo a levar as massas para a área da imprensa de propaganda.

Se aí não encontramos a solução, temos, porém, a possibilidade de resposta efetiva a esse desafio através da educação. Se somos conscientes de nossa herança cultural e livres para desenvolvê-la, cabe-nos a responsabilidade de resguardá-la de infecções e da massificação descaracterizadora. É educacionalmente que se pode revalorizar as diferenciações de nossa cultura, esse pluralismo que a fortalece pela diversidade, pela oferta de alternativas válidas entre as quais se concretiza uma opção.

Para tanto não precisamos dos comissários políticos, mas necessitamos da difusão das bases essenciais da constelação de valo-

res de nossa cultura, da noção de autonomia da pessoa humana projetada sobre o plano político.

Pesquisa efetuada em São Paulo, a propósito da verificação do conteúdo das imagens mentais responsáveis pelas atitudes de estudantes, ofereceu resultados que consubstanciam sintomas inquietantes. Note-se que esses estudantes eram de nível primário, no setor da educação fundamental supletiva, ou seja, pessoas com mais de 14 anos de idade. As categorias hierarquizadas de valores obtidas refletem-se num quadro onde os comerciais (29%) ocupam o primeiro lugar, enquanto os religiosos (0,4%) estão em décimo terceiro lugar, em último, isto é, décimo quarto, ficando os cívicos (0,3%)! Demonstra-se, claramente, a negligência no que tange aos valores responsáveis pela fundamentação e consolidação dos superiores padrões da vida nacional.

As tendências materialistas emergentes numa cultura plasmada sob a égide de valores espirituais, de fundo religioso, anunciam um risco de ruptura com suas raízes profundas e um enfraquecimento atual das resistências oponíveis à penetração cultural. Mas se reforça a necessidade de cuidada educação moral e cívica, de acordo com os métodos pedagógicos modernos.

As sensíveis mudanças institucionais do Brasil contemporâneo, por outro lado, mostram que, vinda de grupos humanos originariamente distintos, nossa cultura, como diz Tristão de Ataíde, evidencia "uma unidade pluralística". Esse pluralismo, cristãmente marcado por tolerância, por fraternidade e, mesmo, por incremento de solidariedade, é a chave da vitória na repulsa à penetração cultural.

Combate de todos e de todas as horas, na preservação e atualização de nossa personalidade cultural em que o melhor lema — programa e prece está nas palavras de Al. Hart: "Dai-nos força, Senhor, para aceitar com serenidade tudo o que não possa ser mudado; dai-nos coragem para mudar o que possa ser mudado; e dai-nos sabedoria para distinguir uma coisa de outra".

— oOo —

B I B L I O G R A F I A

Oswaldo R. Cabral — Cultura e Folclore

Centre Européen de la Culture — Pour un dialogue des cultures

Way Forum (edição da Assembléia Mundial da Juventude — Bruxelas)

E. Emery — História da Imprensa nos Estados Unidos

La guerre psychologique (conferências do Prof. Bonnemaison, na Sorbonne)

Arthur M. Schlesinger, Jr. — 700 dias, John Fitzgerald Kennedy, na Casa Branca, Estudos (Lisboa)

Arnold J. Toynbee — A Study of History

— A Historians's Approach to Religion

— Civilization on Trial

José Camarinha Nascimento — A Comunicação Humana na Educação Cívica

Claude Levi — Strauss — Race and History

Fernando Azevedo — A Cultura Brasileira

José Honório Rodrigues — Brasil e África

Manuel Diégues Junior — Elementos Básicos da Nacionalidade — As Instituições
(C1-11-67)

Equipe da DAPs — Penetração Cultural — Aspectos Doutrinários e Conjunturais
(C1-70-66)

Equipe da DAPs — Estruturas Sociais Contemporâneas (C1-02-67)

Evaristo de Moraes Filho — Aspirações Atuais do Brasil

— Análise Sociológica

Equipe da DAPs — Os meios de Divulgação e as Informações (C4-19-67)

Handbuch des Weltkommunismus (editado por Joseph M. Bochensky e Gerhart Niemeyer)

A DEFESA NACIONAL

ASSINATURAS

Qualquer pessoa categorizada ou entidade civil pode tomar assinatura desta Revista, que se sentirá prestigiada com isto.

Para fazê-lo, bastará comunicar-se com a Secretaria da Revista, indicando nome e endereço (para remessa) e enviando cheque ou vale postal correspondente à assinatura desejada (anual — NCr\$ 2,50).